

Padrões recentes de inserção e mobilidade no trabalho doméstico no Brasil metropolitano: descontinuidades e persistências

Larissa Giardini Simões – Cedeplar/UFMG e Ana Maria Hermeto – Cedeplar/UFMG

Resumo

Existem padrões específicos de inserção e mobilidade no trabalho doméstico, distintos, por exemplo, de outras ocupações manuais? Essa ocupação apresentou uma diminuição e um “envelhecimento” no Brasil metropolitano de 2002 a 2014. Os resultados de modelos log-lineares de efeitos idade, período e coorte (IPC) indicam que a influência de ser negra na inserção/mobilidade ocupacional é grande, distinta entre as gerações e está diminuindo no período, diferente da diferença na probabilidade entre brancas e negras trabalharem como domésticas, que é constante. Ainda, o emprego doméstico possui maior mobilidade que os demais, indo contra a noção prévia de “armadilha da ocupação” sendo a aparente imobilidade devida às características individuais das trabalhadoras.

Palavras-chave: Emprego doméstico. Mobilidade ocupacional. Segregação racial. Modelos idade, período, coorte.

Abstract

Are there specific patterns of insertion and mobility in domestic work? Distinct, for example, from other manual occupations? This occupation has shrunk and “aged” in metropolitan Brazil from 2002 to 2014. Log-linear models of age, period and cohort effects (APC) indicate that the influence of being black in occupational insertion/mobility is considerable, changing across generations and diminishing in the period. On the other hand, the gap between the likelihoods of white and black women working as housemaids has remained constant. The results suggest that paid domestic work has greater mobility than the other occupational groups, challenging the previous notion of “occupation trap”. The apparent immobility is due to the workers' individual characteristics.

Key-words: Domestic paid work. Occupational mobility. Racial segregation. Age, period and cohort models.

Área ANPEC: Área 12 - Economia Social e Demografia Econômica

JEL: J16, J62, Z13

1 Introdução

A importância dos trabalhadores domésticos vai desde o grande número de trabalhadores exercendo essa profissão (em 2018 o trabalho doméstico representou 6,8% dos empregos no Brasil segundo a PNADC) até a função de cuidado e o lugar estratégico que ocupa na vida dos indivíduos. Assim, a manutenção da invisibilidade dessa ocupação é preocupante, principalmente levando em conta o papel que essa ocupação exerce na perpetuação da segregação racial e na manutenção da divisão sexual do trabalho.

Essencialmente feminino, negro e pobre: esse é o perfil desse trabalho. Diferentemente dos homens que são destinados à esfera produtiva, o papel de cuidado é delegado historicamente à mulher, cujo lugar é o domicílio e a esfera reprodutiva (Kergoat, 2003). Ainda, é fundamental para a compreensão da lógica dessa ocupação ter clara a interseção entre os aspectos de gênero e raça, já que as domésticas são em sua maioria mulheres negras. A presença maciça de negros no serviço doméstico remunerado deriva do contexto brasileiro de escravidão onde a ideia do trabalho manual como inferior é reforçada e atrelada a ideologias racistas e assimetrias de oportunidades (Byelova, 2014).

Esse trabalho, quando realizado pela própria dona de casa, é visto em contraste com trabalho (Duffy, 2007), e quando realizado por uma mulher contratada, não possui o mesmo status de trabalho do que aqueles realizados fora do domicílio, em atividades produtivas. O fato desse trabalho ser realizado dentro do domicílio dificulta sua profissionalização, não apenas porque as trabalhadoras não têm acesso umas às outras para criar uma identidade de classe, mas também porque é criado um falso senso de pertencimento à família (Oliveira e Costa, 2012).

Até mesmo na legislação brasileira essa ocupação foi tratada com excepcionalidades desde o seu reconhecimento como profissão, que só se deu em 1972. Na constituição de 1988, direitos conquistados pelo conjunto de trabalhadores urbanos foram excluídos a essas trabalhadoras. A Emenda Constitucional 72, conhecida como PEC das domésticas, aprovada em 2013, representou uma mudança nesse quadro de assimetria ao estender a essas profissionais alguns dos direitos que não eram até então atribuídos a elas. Apesar da importância que essa mudança representou, grande parte das domésticas ainda segue desprotegida e sem acesso aos “novos” direitos conquistados (Pinheiro et al., 2016).

Os papéis ocupacionais localizam o indivíduo no espaço social, preparando o cenário para a interação com outra pessoa já que as pessoas compartilham visões sobre ocupações, como a habilidade necessária, a intensidade de demanda física e mais especificamente quanto é o prestígio de cada ocupação (Treiman, 1977). Teria então o trabalho doméstico o mesmo prestígio ocupacional que outras ocupações com rendimentos e requerimentos de habilidades semelhantes? Ou as características específicas desse trabalho impõem aos trabalhadores processos diferentes do que os presentes em outras ocupações? A existência de imobilidade ocupacional na ocupação, com a escolha de inserção como empregado doméstico acarretando a chamada armadilha da ocupação (Saito e Souza, 2008), pode ser uma das evidências que apontam para um processo de segregação.

A segregação ocupacional nesse mercado de trabalho é um fenômeno importante, mas outras mudanças também merecem atenção, como as alterações legais já mencionadas (Marques e Costa, 2013, Maneschy, 2013). Pinheiro et al. (2016), por exemplo, mostra que a proporção de mulheres brasileiras no trabalho doméstico remunerado vem caindo nos últimos anos, acompanhado por um envelhecimento das domésticas, fruto de mudanças institucionais ou de fatores estruturais que são possíveis graças a mudanças entre gerações. Essa mudança não acontece da mesma forma para as mulheres negras e brancas já que o envelhecimento ocorreu antes para o segundo grupo.

O envelhecimento dessa ocupação pode ser reflexo apenas da maior longevidade da população em geral levando a um adiamento das aposentadorias. Por outro lado, esse aumento geral na expectativa de vida causaria também um aumento na procura por esse serviço, mais especificamente para o cuidado de idosos. Movimentos de aquecimento e retração da economia também afetam a demanda por esse trabalhador, já que influenciam o poder aquisitivo das famílias, demandantes desse serviço, e mudam a oferta de trabalho ao alterar a disponibilidade de empregos em ocupações alternativas. Esses são apenas alguns dos determinantes capazes de influenciar o comportamento dos trabalhadores nesse mercado de

trabalho, que além de possuir características únicas, apresenta várias dimensões essenciais para sua compreensão.

Esse trabalho se propõe a avançar em questões que estão ainda em aberto sobre essa ocupação; mais especificamente, pretende-se investigar a existência de padrões específicos de inserção e mobilidade no trabalho doméstico, distintos de outros tipos de trabalho, principalmente outras ocupações manuais. Existem evidências da “armadilha da ocupação” que representaria uma maior imobilidade nessa ocupação do que nas demais? Investiga-se também a influência de mudanças institucionais, geracionais e do ciclo de vida individual nesse processo de transformação. Ainda referente ao padrão de mobilidade envolvendo domésticas, qual é a influência de outras características das trabalhadoras como raça, escolaridade e posição no domicílio nesse processo?

De acordo com esses objetivos, são utilizados dados sobre mulheres¹, de 15 a 71 anos de idade, obtidos na Pesquisa Mensal do Emprego dos anos de 2002 a 2015, para construção de matrizes com as frequências das transições da condição de trabalho, relacionando a origem e o destino de cada uma das categorias: inatividade, desocupação e categoria socio-ocupacional - superior, intermediária, manual e serviço doméstico remunerado. Assim pretende analisar a inserção nessa ocupação de maneira dinâmica, considerando qual é a origem das mulheres domésticas e qual é a destinação dessas quando deixam essa profissão.

A estratégia estatística é, por meio de modelos que decompõem características de idade, período e coorte (IPC), identificar a influência desses na inserção das mulheres no mercado de trabalho do serviço doméstico remunerado. Além dessas, outras características da mulher podem influenciar sua colocação ocupacional e por isso são acrescentadas, como cor/raça, escolaridade, região metropolitana e condição da mulher no domicílio. A aplicação de modelos log-lineares permite que se obtenha medidas isentas da influência das distribuições marginais dessas tabelas, já que se utiliza as taxas relativas. Diversos modelos são estimados para se medir e comparar a influência de cada característica na distribuição das mulheres entre as condições de origem e destino. Acrescentando-se uma a uma as características consideradas, a melhor adequação é escolhida através de comparação de estatísticas que avaliam a qualidade do ajuste de cada modelo. Além disso, modelos topológicos são estimados para atribuir chances diferentes de mobilidade a grupos predeterminados e testar hipóteses sobre os padrões de mobilidade entre os grupos socio-ocupacionais construídos. Mais especificamente os que envolvem o trabalho doméstico já que os modelos log-lineares modelam todas as frequências contidas na tabela de contingência, ou seja, consideram conjuntamente as transições realizadas originando e destinando em todas as categorias ocupacionais. Por fim, são analisadas tabelas de probabilidades preditas de origem e destino condicionais, segundo algumas características selecionadas e mantendo as demais características fixas nas médias.

2 Transições ocupacionais e seus determinantes

Para compreender os padrões específicos que se formam no mercado de trabalho das domésticas são necessários conceitos e modelos que compreendam a inserção e transição de trabalhadores em determinadas ocupações de maneira geral. Nesse sentido, compreende-se a mobilidade ocupacional através da análise da dinâmica entre os estratos ocupacionais, geralmente representados em uma tabela de contingência onde uma dimensão representa a posição atual dos indivíduos e a outra representa a posição de origem, seja a origem a ocupação do pai ou mãe do ou a ocupação anterior do mesmo. Essa tabela apresenta uma escala com ordinalidade implícita e assim, pode-se falar em mobilidade ascendente e descendente, além da imobilidade. Pretende-se determinar o que influenciou as transições ocupacionais realizadas pelas mulheres envolvidas no trabalho doméstico remunerado captadas pelos dados longitudinais. Os efeitos principais a serem identificados são os de idade, período e coorte.

¹ São consideradas as mulheres residentes da área urbana de seis regiões metropolitanas: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife. Os homens, por representarem uma parcela muito pequena dos trabalhadores dessa ocupação (Dieese, 2013) não foram incluídos na amostra.

2.1 Ciclo de vida

A idade está associada positivamente à inclusão no mercado de trabalho, seja por motivos como a maturidade psicológica, ou acumulação de recursos ligados ao trabalho e de capital humano (Phang, 1995). Essa relação positiva acontece até que o indivíduo alcance uma certa idade quando iniciam os movimentos de saída do mercado de trabalho para a aposentadoria. O salário de reserva também deve aumentar com a idade já que há acumulação de renda proveniente do trabalho ou aposentadoria. Entretanto, esse aumento é mais significativo para trabalhadores mais qualificados que já possuem salários reserva maiores desde o começo do ciclo de vida (Reis e Gonzaga, 2006). Mais especificamente para as mulheres, a idade é um indicador do estágio de vida, tanto em relação ao status marital e de filhos quanto situação no mercado de trabalho.

Indivíduos procuram pelo emprego que melhor se enquadra em suas preferências e suas habilidades percebidas, em circunstâncias que incluem informação incompleta das oportunidades de trabalho e alto custo de procura de trabalho. Uma correspondência ruim entre emprego e habilidade (*mismatch*) é mais provável de ocorrer quando os indivíduos são mais jovens e inexperientes, acarretando maiores taxas de mobilidade ocupacional e de emprego entre os mais jovens (Dex e Bukodi, 2013).

Outra relação entre a mobilidade e a idade decorre de o fato do capital humano desenvolvido pelos trabalhadores ser em partes específico para a ocupação que desempenham e assim, à medida que se ganha mais experiência em uma ocupação, essa habilidade específica torna maior o custo da mudança para outra ocupação (Autor e Dorn, 2009). Dessa forma, o sacrifício da mobilidade ocupacional é maior em indivíduos mais velhos. Entretanto, esse prejuízo é maior para trabalhadores mais qualificados já que esses possuem mais capital humano específico tornando essa relação entre imobilidade ocupacional e idade do indivíduo dependente do tipo de ocupação do indivíduo (Reis e Gonzaga, 2006). À medida que há um declínio em uma ocupação, seja por avanços tecnológicos que tornem essa ocupação obsoleta ou por mudanças sociais e institucionais que alterem a oferta desse trabalho, os trabalhadores mais velhos terão menos incentivo para abandoná-la ao mesmo tempo em que os mais jovens não terão incentivo para integrá-la. Assim, uma ocupação envelhecerá à medida que se reduz em número de trabalhadores e que a média de idade dos trabalhadores aumenta.

2.2 Conjuntura

Em relação aos efeitos de período, esses são eventos ou mudanças ambientais que afetam indivíduos de todas as coortes e todas as idades simultaneamente. No caso do trabalho doméstico remunerado, o período como dimensão de análise é especialmente importante já que a ocupação passou por algumas mudanças na legislação, como a aprovação da Emenda Constitucional 72, que podem ser determinantes para mudanças nos padrões de contratação e oferta desse trabalho.

Considerando o comportamento do empregador, ou seja, da demanda pela mão de obra, percebe-se que patamar de exigência na contratação varia à medida que as condições de mercado flutuam, levando a um ajustamento de qualidade da força de trabalho em cada ocupação e não um ajustamento de preços como é preconizado no modelo neoclássico. Dessa forma, quando não há muitos desocupados, os patrões reduzem seus requerimentos de “habilidade” para suas vagas e, do mesmo modo, aumentam os níveis de exigência quando enfrentam um mercado de trabalho com excesso de oferta. Esse processo de variação do nível médio de habilidade de cada ocupação representa um movimento contra cíclico (Dex e Bukodi, 2013). Assim, há uma dependência entre as características econômicas do período em questão e a mobilidade ocupacional, principalmente se tratando de movimento ascendentes e descendentes entre ocupações.

O ciclo econômico influencia não só a demanda pelo trabalho, mas há também uma influência na procura por emprego. Em uma situação de depressão o custo de procurar uma nova posição aumenta à medida que provavelmente se levará mais tempo para encontrar um emprego que atenda as expectativas do indivíduo. Assim, os benefícios potenciais de procurar outro emprego diminuem e os indivíduos estão mais propensos a aceitarem mais combinações ruins entre aspirações e vagas. As pessoas ainda se preocupam mais com manter o emprego e dão menos ênfase em obter o emprego “perfeito” em situações de

economia desaquecida e, assim, menos transições voluntárias ocorrem (Dex e Bukodi, 2013). O salário de reserva também sofre influência de alterações ambiente macroeconômico e trabalhadores menos qualificados têm menor capacidade de proteção dos seus ativos e remunerações contra a inflação já que há maior dificuldade de indexação dos salários e acesso ao mercado financeiro (Reis e Gonzaga, 2006).

2.3 Aspectos generacionais

O terceiro componente dos modelos IPC, a coorte, pode ser entendida como o grupo de indivíduos que apresentaram o mesmo evento de vida em dado período do tempo; nesse caso o evento considerado é o nascimento. Diferenças persistentes entre as coortes são originadas nas experiências únicas compartilhadas pelos indivíduos, além de reações específicas de pessoas com diferentes idades ao mesmo acontecimento e contexto histórico. Diferenças educacionais entre coortes podem surgir da variação entre a “quantidade” estudada e na qualidade do ensino que foi ofertado a esses indivíduos (Hermeto, 2002). O conceito de coorte é crucial no estudo das mudanças sociais já que nesses processos cada nova coorte é um possível intermediário que, apesar de não causar a mudança, permite que ela aconteça ao ser um veículo de introdução de novas posturas e valores (Ryder, 1965).

As características do mercado de trabalho no momento de entrada da coorte nesse mercado já fazem parte da construção da experiência dessa coorte. A estrutura ocupacional da coorte não está cristalizada na entrada no mercado de trabalho, mas a configuração imposta por essa em cada história econômica individual cria uma forte dependência ao longo da vida. Além disso, a trajetória ocupacional de uma coorte é influenciada se há paz ou guerra, depressão ou crescimento em cada estágio de sua carreira (Ryder, 1965).

2.4 Outras características

Idade, período e coorte são elementos de análise fundamentais para a compreensão das transições ocupacionais das empregadas domésticas, mas outros elementos de análise podem refletir na escolha das mulheres em relação ao mercado de trabalho doméstico como educação, região, posição no domicílio e outros.

Raça, por exemplo, deve ser incluída já que existe um padrão racial entre as domésticas no Brasil que são em sua grande maioria negras. Diferenças raciais nos padrões de transição ao longo do ciclo de vida são encontrados em diversos estudos e são originados pelas diferentes condições de mercado que os entrantes enfrentam devido à segregação por raça (Phang, 1995). Essa segregação se dá também por diferenças locais das cidades e até mesmo regiões de residência dos indivíduos, que pode originar um *mismatch* espacial.

A identificação da condição que a mulher ocupa na sua estrutura familiar pode também ser uma pista para compreender o padrão de mobilidade de mulher, doméstica ou não. Isso porque as responsabilidades e obrigações de mulheres que são chefes de família não são as mesmas de mulheres cônjuges, e diferem ainda de mulheres que ocupam a posição de filha no domicílio. Mulheres que são chefes de família têm salários reservas diferentes e têm menos condições de suportar o ônus do desemprego que uma busca por melhor emprego ocasiona. Além dessas, a escolaridade como formadora do capital humano permite maior amplitude de escolha à mulher e é uma variável fundamental na compreensão do processo de inserção ocupacional e de transição entre ocupações.

3 Metodologia e fonte de dados

3.1 Modelos log lineares para a estimação da mobilidade

Considerando o objetivo desse trabalho, que é investigar a existência de padrões específicos de inserção e mobilidade no trabalho doméstico, a estratégia utilizada é a construção de matrizes de transição da condição de trabalho dos indivíduos, relacionando as categorias iniciais e finais em um intervalo de 12 meses. Para se analisar as transições relacionadas ao mercado de trabalho doméstico é necessário que todas as demais condições sejam incluídas nas matrizes para separar as tendências gerais do mercado de trabalho e as mudanças ocupacionais que são intrínsecas a essa ocupação

Modelos log-lineares permitem que se obtenha medidas isentas da influência das distribuições marginais já que se utilizam as taxas relativas, obtidas em termos de razão de chances ou *odds ratio*. Modelos log-lineares generalizados são extensões dos modelos lineares que permitem que a média da população dependa de um preditor linear através de uma função de ligação não linear e que a distribuição de probabilidade da resposta seja membro de uma família exponencial de distribuição. No caso, o modelo estimado é um modelo de contagem com função de ligação logarítmica e distribuição de Poisson.

Segundo Featherman e Hauser (1976), os modelos do tipo log-linear permitem que se atribuam chances similares de mobilidade ou imobilidade a determinados grupos de células, já retirando o efeito das distribuições marginais distintas de cada classificação incluída no modelo. Para testar padrões diferentes de mobilidade entre grupos ocupacionais acrescenta-se um termo que atribui chances diferentes de mobilidade a grupos predeterminados. Matrizes são construídas para agrupar categorias distintas de ocupação e descrever como algumas categorias se assemelham nos padrões de mobilidade e, da mesma forma, como os grupos se distinguem. Hipóteses são levantadas incluindo apenas os grupos de origem e destinos ocupacionais e não incluem as demais dimensões analisadas no modelo como idade, período e coorte. O Quadro 1 apresenta as hipóteses testadas utilizando os modelos topológicos.

Quadro 1 - Hipóteses testadas nos modelos topológicos

	Hipóteses	Justificativa
1	Independência (indiferença entre origens e destinos)	Não existem fatores que atraiam de maneira diferente os indivíduos para as diferentes categorias
2	Imobilidade e Mobilidade	Quem sai da sua posição inicial tem a mesma probabilidade de se dirigir a qualquer outro estado, independente da “distância”
3	Mobilidade acima e abaixo da diagonal principal	Existe uma ordenação hierárquica entre as classes apresentadas e, assim, a mobilidade ascendente difere da descendente
4	Transições consideram a “distância”	Existe uma ordenação hierárquica entre as categorias e assim, existem diferentes “distâncias” entre as transições
5	Transições envolvendo inatividade e desemprego	Movimentos envolvendo desocupação e inatividade apresentam padrão distinto em relação aos movimentos entre grupos de ocupações
6	Imobilidades	Incentivos para permanecer em cada categoria são distintos dependendo da categoria ocupada
7	Inatividade e Desocupação	Existe desemprego oculto pelo desalento

Fonte: Elaboração própria.

3.2 Modelo Idade, Período e Coorte (IPC)

Decompor as mudanças nas categorias criadas em componentes de idade, período e coorte permite analisar as transições ocupacionais de cada indivíduo da amostra tendo em vista as suas características demográficas, além das condições econômicas que ambientaram os eventos em questão. Esse método é utilizado na análise de dados longitudinais obtidos de repetidas pesquisas *cross-section*; as transições analisadas são as efetivamente realizadas por cada indivíduo da amostra, mas não se acompanha o mesmo indivíduo ao longo de todo o período.

São construídos 19 grupos etários (I) trienais e 5 períodos (P) são analisados (2002, 2005, 2008, 2011 e 2014) e, implícitas nessa categorização estão as coortes (C), que representam o corte cronológico ao nascer. Os intervalos iguais (trienais) são um requisito para a formulação do modelo e os 19 grupos etários analisados em 5 períodos geram 23 coortes distintas

Assim, como “período = coorte + idade”, existe um problema de identificação e se consegue isolar apenas dois dos três efeitos (Fienberg e Mason, 1985). Várias formas de se contornar esse problema já foram propostas (Yang, Fu e Land, 2004) e a estratégia utilizada é a imposições de restrições de igualdade entre os coeficientes das últimas coortes. Se supõe que esses efeitos sejam menores à medida que os indivíduos fiquem mais velhos e que há tempo para grandes mudanças sociais entre coortes consecutivas.

Uma sequência de modelos log-lineares é estimada: modelo nulo, sem variáveis explicativas; modelos de efeitos brutos de Idade, Período e Coorte, ou seja, que incluem apenas uma dessas dimensões; modelos de efeitos combinados dois a dois; e por fim, um modelo incluindo os três fatores simultaneamente. Esses modelos são combinados também com as demais variáveis e com as matrizes ζ que atribuem chances diferentes de mobilidade aos grupos. A comparação das estatísticas de ajuste desses modelos (G^2 , BIC e AIC) é essencial para verificar qual modelo se ajusta melhor aos dados e assim verificar em que medida essas dimensões influenciam o fenômeno.

3.3 A Pesquisa Mensal do Emprego

Serão utilizados dados na Pesquisa Mensal do Emprego (PME) a partir de 2002, quando a pesquisa adotou nova metodologia, até sua mudança mais recente (2016). Restringida à área urbana de seis regiões metropolitanas do Brasil (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), a PME forma um painel rotativo onde cada unidade domiciliar selecionada é pesquisada por quatro meses consecutivos, permanece oito meses sem ser pesquisada e é pesquisada por mais quatro meses antes de ser excluída da amostra. Ela é uma fonte de dados adequada pois apresenta dados sobre a inserção, permanência ou transição dos trabalhadores.

Da PME são extraídas as variáveis de idade, quantos anos o indivíduo tinha quando realizou a primeira entrevista, período que é o ano relativo à primeira entrevista, e a partir dessas duas extrai-se a coorte, intervalo do nascimento do indivíduo. Além dessas, são utilizadas da pesquisa outras variáveis individuais como a região de residência e a condição no domicílio, ou seja, se o respondente é o principal responsável pelo domicílio, cônjuge, filho ou outros (outro parente, agregado, pensionista, etc). A variável cor/raça é baseada na autodeclaração do indivíduo e foi agrupada em duas categorias: negros/pardos e branco, os demais indivíduos foram excluídos da amostra. A variável de educação foi construída de acordo com o nível de escolaridade mais alto alcançado: superior, ensino médio, ensino fundamental II, ensino fundamental I e alfabetização.

Por fim a categorização da ocupação do indivíduo foi desenvolvida de acordo com a ocupação declarada pelo indivíduo nas duas entrevistas analisadas. A princípio, as mulheres foram divididas em 3 grupos: ocupadas, desocupadas e inativas, sendo que os dois primeiros formam a população economicamente ativa. Como é importante considerar também transições entre inativas e domésticas e vice-versa, as mulheres que não estavam economicamente ativas também foram incluídas na amostra. Dentro do grupo de ocupadas, subdivisões além de domésticas foram criadas para identificar qual caminho e qual origem as mulheres envolvidas nesse mercado de trabalho estão tomando²: trabalhos manuais, intermediários e superiores.

A localização de um indivíduo no painel da PME é uma das principais dificuldades da utilização da base de dados, já que apenas o domicílio possui um código identificador. Essa identificação é ainda mais difícil considerando que em alguns casos o mesmo indivíduo não será observado nas oito entrevistas já que os dados da PME podem sofrer três tipos de atrição: indivíduos que migram ao longo da pesquisa, indivíduos que se recusam a responder a pesquisa e critério de emparelhamento ineficiente. Dessa forma, foi utilizado um algoritmo desenvolvido por Ribas e Soares (2008), que utiliza características para identificar a mesma pessoa ao longo das entrevistas.

4 Resultados

4.1 Variáveis de ciclo de vida, conjuntura e coorte

Os modelos log lineares permitem analisar quais efeitos são predominantes na dinâmica do trabalho doméstico já que conseguem isolar o efeito singular de cada fator contribuinte. Segundo os ajustes dos modelos log lineares de transição envolvendo apenas idade, período e coorte, além da categoria origem e a destino, a dimensão coorte (Modelo O + D + C) apresenta o maior poder preditivo das transições ocupacionais entre as categorias analisadas, 10,76%. Depois dessa, a dimensão de período (Modelo O + D + P) é a que melhor explica as transições (10,74%) e por fim a idade (Modelo O + D + I) tem o menor poder de explicação. Os modelos com dois fatores explicam de 10,76 a 10,79 % da dispersão da tabela de

² A classificação sociocupacional adotada é baseada em IBGE (1994).

contingência, e o que mais explica entre esses é o Modelo O + D + P + C. O Modelo que inclui os três fatores é chamado independência condicional e explica 10,8% da variância da tabela de contingência. Os critério AIC e BIC, no geral, confirmam esses resultados.

Tabela 1 - Ajuste do modelo incluindo Idade (I), Período (P), Coorte (C), Origem (O) e Destino (D)

	G ²	ΔG ²	R ²	AIC	BIC
Nulo	142494,1			127102,7	127102,8
O + D	127229,6	15264,5	10,712%	4,153756	-678876
P	142425	69,1	0,048%	4,364408	-663748
O + D + P	127184,8	15309,2	10,744%	4,153246	-678876
O + D + P + I	127162,6	15331,5	10,759%	4,153242	-678775
O + D + P + C	127115,9	15378,2	10,792%	4,15265	-678800
O + D + P + I + C	127102,8	15391,3	10,801%	4,152773	-678690
I	142146,1	348,0	0,244%	4,360732	-663949
O + D + I	127207	15287,0	10,728%	4,153748	-678776
O + D + P + I	127162,6	15331,5	10,759%	4,153242	-678775
O + D + I + C	127133,4	15360,7	10,780%	4,153087	-678704
O + D + P + I + C	127102,8	15391,3	10,801%	4,152773	-678690
C	142220,9	273,2	0,192%	4,361826	-663851
O + D + C	127156,2	15337,9	10,764%	4,153098	-678804
O + D + I + C	127133,4	15360,7	10,780%	4,153087	-678704
O + D + P + C	127115,9	15378,2	10,792%	4,15265	-678800
O + D + P + I + C	127102,8	15391,3	10,801%	4,152773	-678690

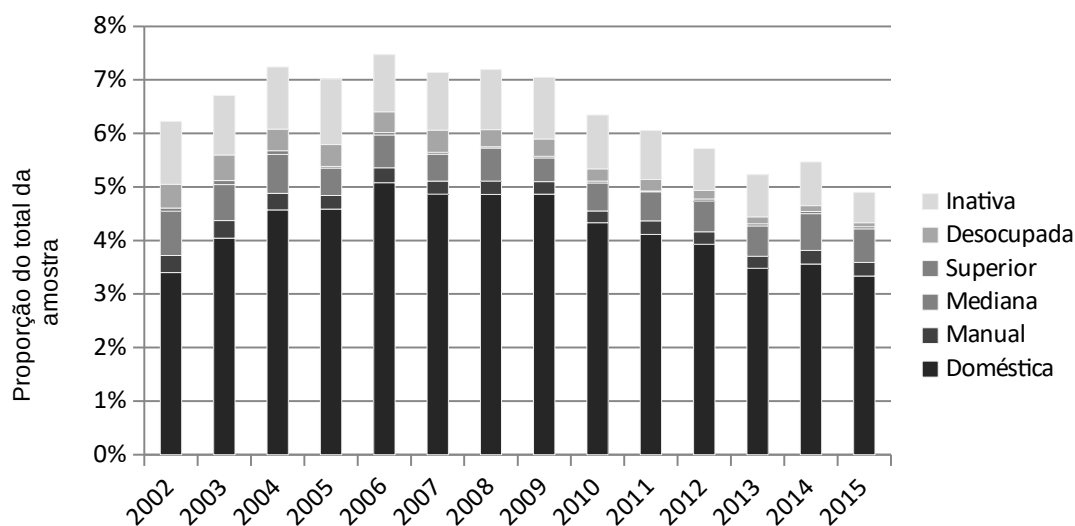
Fonte: Elaboração própria, com base em dados da PME, IBGE, 2002-2015.

Aspectos representados pelas coortes de nascimento se mostraram, assim, fundamentais para o entendimento da dinâmica de transição entre as categorias ocupacionais formadas. Como a variável de educação não foi incluída até esse momento, parte desse resultado pode ter origem em diferenças tanto em “qualidade” quanto em “quantidade” do ensino que foi ofertado às diferentes gerações que se encontram no mercado de trabalho no período analisado (Oliveira, 2002). Além disso, destaca-se o papel importante de cada nova coorte de possibilitar a mudança advinda de novos valores, como por exemplo, o questionamento entre as mulheres em relação aos sacrifícios em termos de condições de trabalho e prestígio da ocupação.

É confirmada também a importância do período para se modelar as frequências de transição. No modelo em questão, onde uma categoria passou por mudanças institucionais, o das trabalhadoras domésticas, a relevância do marcador temporal abarca os níveis de crescimento econômico e as mudanças devidas aos novos encargos e modelos de trabalho. O Gráfico 1 apresenta a frequência de domésticas por ano na amostra, além do grupo de origem dessas.

Os ciclos econômicos de crescimento e retração afetam a demanda por trabalho, os níveis de exigência dos empregadores (Dex e Bukodi, 2013) e têm efeitos também na decisão de ofertar ou não trabalho e no salário de reserva. Percebe-se que há uma queda no número de trabalhadoras domésticas a partir de 2009, o que coincidiu com a crise econômica que atingiu o Brasil nesse ano, indicando, assim, um fenômeno com raízes na demanda. Entretanto, a recuperação da economia em 2010 não foi acompanhada pelo mesmo fenômeno nas taxas de trabalho doméstico o que, pode-se especular, ocorreu devido à insuficiência da oferta desse trabalho. Segundo Pinheiro (2016), a demanda pelo serviço prestado por essas mulheres é bem estável e a queda no número de trabalhadoras domésticas se dá mais por fatores de oferta, principalmente entre as mulheres mais jovens, que devido à estigmatização e baixos níveis de rendimento, preferem entrar no mercado de trabalho em outras ocupações, ou até mesmo permanecer desocupadas a trabalharem como domésticas. Resultado semelhante também foi encontrado por Leone e Baltar (2010), que verificaram que no período de crescimento econômico estudado o mercado absorveu menos trabalhadoras domésticas jovens.

Gráfico 1 -Origem das mulheres no serviço doméstico ao longo do tempo



Fonte: Elaboração própria, com base em dados da PME, IBGE, 2002-2015.

A principal mudança institucional é a Emenda Constitucional 72, aprovada em 2013, mas cujas principais mudanças só entraram em vigor depois da aprovação da lei complementar que regulamenta a medida em 2015, conhecida como PEC das domésticas. Uma análise descritiva dos dados mostrou que depois de anunciada essa mudança, em 2013, houve uma queda no número total de empregadas domésticas, principalmente as que permaneceram na ocupação, o que demonstra que o efeito de retração na demanda por esse trabalhador foi maior do que um possível efeito de aumento da oferta. Entretanto, no último ano incluído no modelo, 2014 a medida não tinha entrado plenamente em vigor e só se pode avaliar o impacto da expectativa de mudanças causada pela emenda. O resultado encontrado por Souza e Domingues (2014) de que a demanda por esse trabalhador é consideravelmente elástica indica que essa redução no número de trabalhadoras domésticas está mais relacionada ao movimento de redução que já estava em curso, originada por fatores geracionais, do que efeito dessa mudança.

É importante ressaltar também que a categoria das domésticas utilizada inclui as que atuam como diaristas e mensalistas, e não consegue captar as mudanças desses grupos. Tantos fatores demográficos, como a redução das famílias (Marques e Costa, 2013) e o aumento do custo do trabalhador devido à expectativa causada pela nova legislação causaram um aumento da demanda por essa modalidade de serviço. De fato, como apontado pelo estudo do Dieese (2013), vem havendo nos últimos anos um aumento do serviço das diaristas. Dessa forma, essa mudança na modalidade desse trabalho não está sendo captada pelo modelo.

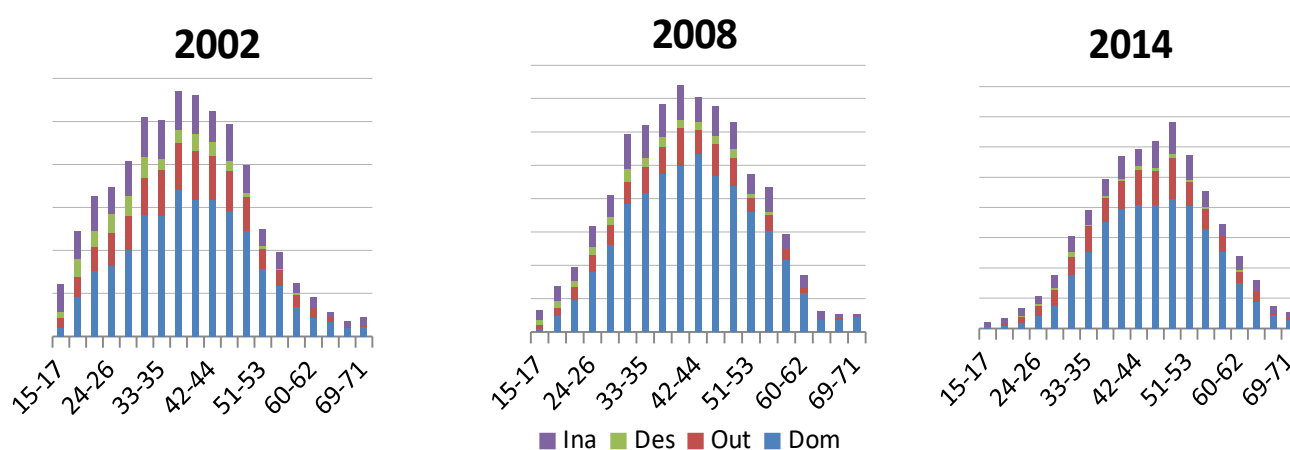
Por último, mas também significativa, a variável que representa a idade das mulheres capta os movimentos de entrada e saída do mercado de trabalho devido a aposentadoria, término dos estudos ou maternidade, mas também representa as movimentações entre ocupações que ocorreram por maior maturidade e acumulação de capital via experiência. Até mesmo a decisão do momento de realizar a transição para a inatividade varia com a categoria sociocupacional da mulher já que existem diferentes padrões de acúmulos de renda entre essas, assim como distintos salários reserva (Reis e Gonzaga, 2006).

Comparando-se a distribuição etária das mulheres que originaram na ocupação de doméstica com as que responderam na primeira entrevista estarem empregadas em outras ocupações percebe-se que essas últimas estão muito mais presentes nas faixas etárias mais jovens. A concentração das domésticas nas faixas etárias intermediárias não é encontrada nas demais ocupações, mais concentradas entre as jovens.

No período analisado houve um deslocamento da distribuição etária das domésticas para a direita, evidência do envelhecimento dessa ocupação (Gráfico 2). A média de idade das domésticas em 2002 era 38 anos e em 2014, 42 anos, ou seja, houve uma elevação na média de idade assim como o encontrado por Autor e Dorn (2009) nas ocupações que estão ficando obsoletas ou “ficando velhas”. É importante ressaltar que houve um aumento da média de idade das mulheres em toda a amostra, mas o aumento

identificado é maior nas domésticas já que as mulheres da amostra tinham em média 38 anos em 2002 e 39 em 2014. Além da tendência generalizada de maior expectativa de vida e assim, aposentadoria cada vez mais tarde, o aumento da média etária no emprego doméstico ocorre porque mulheres que estão nessa ocupação possuem habilidades específicas a ela, o que torna mais custoso mudar de ocupação e, à medida que essa vai se tornando menos atrativa ou obsoleta, menos trabalhadores jovens entrando no mercado de trabalho vão ser atraídos a ela. Assim, como enunciado pelos autores, “*occupations will ‘get old’ as their employment declines- that is, the mean age of an occupation’s work force will rise*”.

Gráfico 2 - Composição etária da categoria das empregadas domésticas segundo a condição de atividade na primeira observação



Fonte: Elaboração própria, com base em dados da PME, IBGE, 2002-2015.

É importante ressaltar que existe uma interdependência entre esses efeitos, por exemplo a mudança na legislação não afetou as mulheres de diferentes fases do ciclo de vida da mesma forma, assim como a idade não tem o mesmo efeito em mulheres de gerações diferentes, criadas sobre diferentes valores. Ou seja, a interseccionalidade característica dessa ocupação é comprovada pela comparação de ajuste dos modelos, já que realmente o melhor ajuste é o do modelo incluindo todas as características, mesmo considerando a penalidade da redução dos graus de liberdade.

4.2 Demais características: escolaridade, raça/cor, região metropolitana, condição na família

Além desses marcadores temporais, geracionais e de idade, outras características do indivíduo são importantes na determinação das transições ocupacionais. Considerando a existência da classificação de doméstica entre as categorias criadas, uma característica fundamental seria o gênero, entretanto, esse não precisa ser incluído já que foram incluídas apenas mulheres na amostra.

Individualmente, a condição na família é a variável desse grupo que explica maior parte da dispersão da tabela de contingência, 14,96%, seguido de cor/raça, 14,65%. As decisões de entrada e saída do mercado de trabalho, além das transições entre ocupações, sofrem influência da composição das famílias. As domésticas são o grupo com maior proporção de mulheres como principais na família, apontando assim para o surgimento de uma grande instabilidade no domicílio quando essa profissional realiza a transição ocupacional, já que sem o capital humano intrínseco àquele ofício sua posição pode ser mais vulnerável do que na ocupação anterior (Gráfico 3). Ou seja, o padrão encontrado de composição familiar das domésticas combinado à importância da condição na família para modelar as frequências das transições sugere uma rigidez ocupacional maior para essa ocupação devido aos custos da mobilidade ocupacional.

Com importância semelhante à condição na família está a cor/raça, ou seja, a cor da mulher se mostra uma característica muito importante para explicar seu padrão de distribuição e mobilidade entre as categorias socioocupacionais construídas. Esse é um resultado que expressa a já encontrada segmentação no mercado de trabalho em relação a essa característica (Phang, 1995). A categoria das domésticas é constituída por aproximadamente 65% de mulheres negras e pardas, mais de 20 pontos percentuais a mais do que a participação dessa raça nas ocupações superiores, que é 43,5%, sendo que a proporção de negras

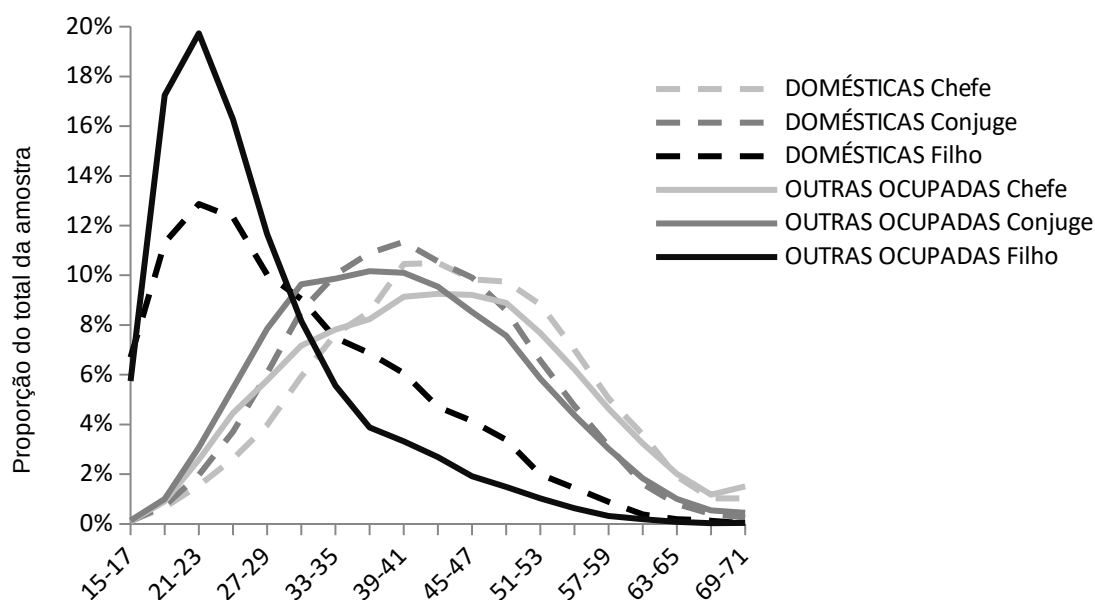
e pardas na amostra é 55%, ou seja, há uma desigual distribuição das mulheres negras e brancas entre as categorias ocupacionais.

Tabela 2 - Ajuste do modelo incluindo Região Metropolitana (RM), Raça/Cor, Grupo de Anos de Estudo (Educ) e Condição na Família (CF), além de Idade, Período e Coorte

	ΔG^2	R ²	AIC	BIC
Nulo			4.365255	127102
O + D	15264.5	10.712%	4.153756	-678876
O + D + RM	17577.88	12.34%	4.121799	-681134
O + D + Cor	20879.26	14.65%	4.075912	-684469
O + D + CF	21310.35	14.96%	4.069959	-684888
O + D + Educ	17606.9	12.36%	4.121368	-681174
O + D + RM + CF	23331.37	16.37%	4.042059	-686854
O + D + Cor + CF	26869.08	18.86%	3.992894	-690425
O + D + RM + Cor	22284.22	15.64%	4.056559	-685818
O + D + RM + Educ	20090.73	14.10%	4.087047	-683602
O + D + Educ + CF	24062	16.89%	4.031894	-687595
O + D + Cor + Educ	23207.02	16.29%	4.043728	-686752
O + D + RM + Cor + Educ + CF	30907.18	21.69%	3.93712	-694362
O + D + I + RM + CF + Cor + Educ	30935.42	21.71%	3.937033	-694267
O + D + P + RM + CF + Cor + Educ	30984.04	21.74%	3.936164	-694394
O + D + C + RM + CF + Cor + Educ	30978.27	21.74%	3.936494	-694288
O + D + P + C + RM + CF + Cor + Educ	31039.7	21.78%	3.935753	-694305
O + D + I + C + RM + CF + Cor + Educ	31038.98	21.78%	3.935957	-694226
O + D + I + P + RM + CF + Cor + Educ	31010.54	21.76%	3.936102	-694298
O + D + I + P + C + RM + CF + Cor + Educ	31072.53	21.81%	3.935602	-694214

Fonte: Elaboração própria, com base em dados da PME, IBGE, 2002-2015.

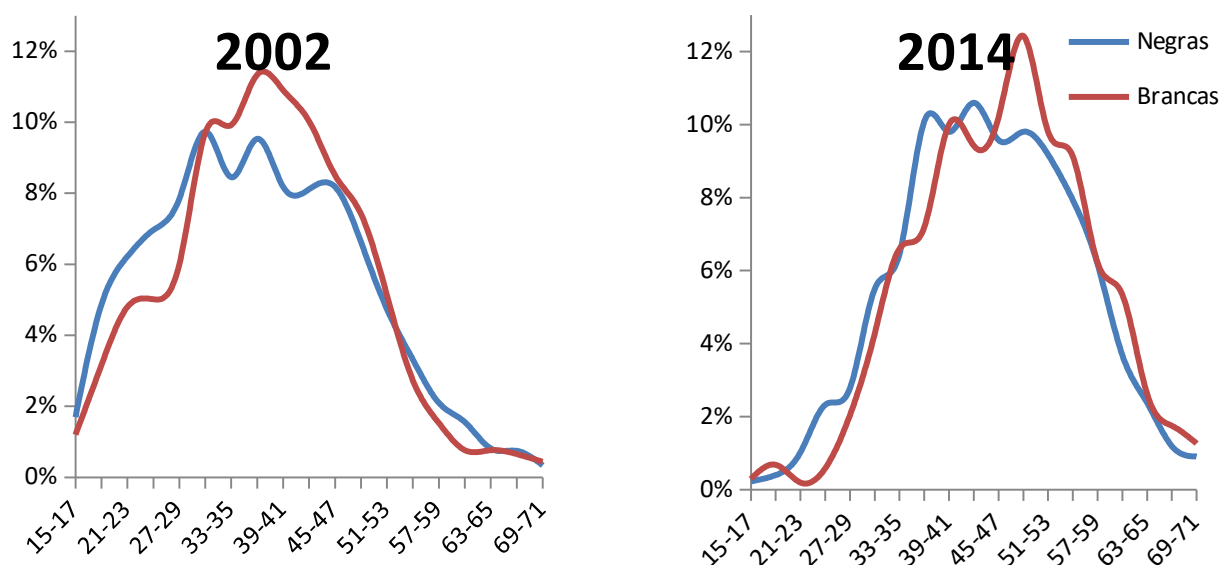
Gráfico 3 - Composição etária das categorias de posição na família das domésticas e demais ocupações



Fonte: Elaboração própria, com base em dados da PME, IBGE, 2002-2015.

Além de diferenças nas taxas de participação, e de encontro aos resultados de Pinheiro et al. (2016), há um envelhecimento da ocupação distinto para os grupos de domésticas de cores/raças diferentes. Pode-se perceber no Gráfico 4 que há envelhecimento entre o ponto inicial e final da amostra nos dois grupos mas que em ambos os anos as curvas das brancas está mais à direita do que das negras, mostrando que apesar dessa mudança ser uma realidade no geral, essa é mais predominante entre as trabalhadoras brancas.

Gráfico 4 - Distribuição etária do trabalho doméstico, por cor/raça



Fonte: Elaboração própria, com base em dados da PME, IBGE, 2002-2015.

Com menor poder preditivo das frequências de alocação e transição entre as categorias, não são encontradas diferenças determinantes nos padrões transacionais específicos das regiões metropolitanas incluídas na análise, assim como dos diferentes grupos educacionais. A baixa influência de fatores locais específicos de cada região pode ser justificada pela restrição do universo analisado à apenas áreas urbanas das regiões metropolitanas.

A escolaridade também exerce baixo poder de explicar as frequências de transição entre as categorias ocupacionais. Como a influência de cada categoria nas transições está vinculada à ocupação de origem de cada indivíduo, essa variável já capta grande parte do efeito da escolaridade na alocação na ocupação inicial, restando baixo poder de explicação para a variável escolaridade nas transições. Ou seja, o efeito incremental nas transições da educação da mulher é baixo.

Analisando as variáveis adicionais combinadas duas a duas, as variáveis que são destaque individualmente também representam a maior parte da dispersão combinada apontando que não há redundância de informações entre essas características; cor/raça e condição na família são responsáveis juntos por 18,86%. Adicionando as demais dimensões, grupos de anos de estudo e a *dummy* de região metropolitana, esse poder explicativo aumenta para 21,69%. Nos modelos com as variáveis adicionais incluindo idade, período e coorte a condição na família é ainda a principal variável adicional, seguida de raça/cor. Porém há uma mudança na ordem de poder de explicação das frequências já que, apesar de a idade ainda ser a variável menos explicativa, agora o de período é o melhor e não mais o de coorte. Isso indica que algumas características que estavam sendo captadas pela variável que representa as gerações agora estão explicitadas pelas demais variáveis que foram acrescentadas.

A hipótese inicial é que os efeitos de coorte sejam redundantes com os efeitos captados pela escolaridade, já que a diferença na qualidade recebida ao longo das gerações de indivíduos e a fração da população em cada grupo educacional são efeitos de coorte, como já foi mencionado (Oliveira, 2002). Entretanto, não é isso que se encontra, pois ao se comparar os modelos [O + D + P + Educ] e [O + D + C + Educ], percebe-se que o modelo que inclui coorte é ainda o melhor, ou seja, não é na variável de educação acrescentada que está a parte da coorte que agora foi explicitada por outra variável. Explicações alternativas para esse

resultado podem ser levantadas; a educação não tenha mudado ao longo das coortes, ou que essa mudança não influenciou as decisões de inserção e mobilidade ocupacional das mulheres. Uma outra justificativa que se parece mais realista reside no fato da variável que representa a educação dos indivíduos ser uma variável quantitativa, indicando qual o grupo de estudo mais alto que se completou, e não substituir as informações sobre as diferentes qualidades educacionais apresentadas às subseqüentes coortes de nascimento.

Comparando-se os ajustes dos modelos percebe-se que as variáveis responsáveis por essa mudança são cor/raça e condição no domicílio. Ou seja, ocorreram mudanças no efeito de ser uma mulher negra e no efeito de estar em determinada posição no domicílio na alocação entre as categorias ocupacionais ao longo das gerações consideradas. Não se pode dizer, no caso da raça/cor que houve uma redução na discriminação ocupacional sofrida pelas mulheres negras, porque esse modelo não considera algumas características das mulheres que podem ter sido alteradas ao longo dessas coortes, ou seja, não separa o efeito composição da discriminação. Apenas se conclui que existe uma menor segregação ocupacional à medida que surgem novas gerações já que parte do efeito de coorte na mobilidade e inserção ocupacional está captado pela variável de cor/raça.

Em relação à posição na estrutura familiar, pode-se concluir que os papéis da mulher influenciam de maneira diferente a inserção dessas no mercado de trabalho ao longo das coortes. Já se esperava que houvesse uma influência de ser cônjuge, filha ou chefe de família na decisão de ofertar ou não trabalho e ainda na ocupação escolhida e no salário reserva; entretanto o que se pôde observar é que além de existir ela é diferente ao longo das coortes de nascimento. Esse resultado se mantém quando se estima os modelos com as variáveis adicionais incluídas duas a duas: o maior R^2 encontrado foi 18,96%, no modelo de período, condição na família e cor/raça.

Segundo o critério de AIC o modelo completo é o melhor, mas segundo o modelo BIC o modelo que inclui apenas período e coorte apresenta mais poder de predição, considerando os sacrifícios de graus de liberdade. É importante ressaltar que, até aqui, as variáveis incluídas ajudaram a explicar todas as transições realizadas pelas mulheres. Os próximos modelos incluem um desenho topológico que diferencia as caselas da matriz de transição, permitindo que se inicie a análise específica dos movimentos das mulheres.

4.3 Modelos topológicos

Testando as hipóteses descritas na metodologia através dos modelos topológicos percebe-se que o modelo que diferencia a imobilidade da mobilidade se mostrou melhor do que o modelo padrão. Ou seja, há indícios de padrões nitidamente diferenciados para mobilidade e imobilidade. Além disso, o modelo que diferencia a mobilidade ascendente da descendente não apresentou melhor ajuste em relação ao modelo mobilidade/imobilidade, ou seja, não existem indícios de um padrão que separe a mobilidade ascendente da descendente, ou essa ordenação que foi assumida (ocupadas superior, intermediária, manual, doméstica, desempregada e inativa) não é a verdadeira. Esse resultado pode ser justificado pela ausência de sentido teórico em enquadrar as inativas e desocupadas na base da hierarquia entre ocupações já que essas mulheres formam um grupo com características específicas.

A diferenciação das transições pela “distância” percorrida na transição foi confirmada pela comparação de ajustes dos modelos, assumindo a mesma ordem do modelo anterior e que distâncias iguais se comportam da mesma forma, seja numa mudança para cima na hierarquia, seja para baixo (transições com distâncias de uma unidade são movimentos para classes vizinhas como, por exemplo, uma transição de uma ocupação manual para uma intermediária). Assim, pode-se concluir que a hierarquia proposta entre as classes ocupacionais representa as encontradas na realidade.

Vários formatos de separação das transições realizadas envolvendo inatividade e desemprego foram testados, a separação foi confirmada pelas estatísticas de ajuste no modelo que considera que cada ocupação se comporta de maneira única nas transições para desocupação e inatividade, e da mesma maneira originando-se ou destinando-se para essas situações.

Há indícios de que a imobilidade seja de fato diferente entre os grupos ocupacionais e condições de atividade já que a fixação ou imobilidade diferente em cada categoria analisada é aceita pela comparação entre os ajustes dos modelos. Diferenciar os movimentos da inatividade para a desocupação e o movimento contrário não comprovou a existência de desemprego que está oculto pelo desalento. O modelo escolhido, que inclui as hipóteses não rejeitadas no seu desenho, é apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 - Desenho topológico escolhido

	Sup	Med	Man	Dom	Des	Ina
Sup	8	1	2	3	7	7
Med	1	9	1	2	6	6
Man	2	1	10	1	5	5
Dom	3	2	1	11	4	4
Des	7	6	5	4	12	1
Ina	7	6	5	4	1	13

Fonte: elaboração própria.

Assim, a escolha desse modelo reforça a validade da classificação ocupacional adotada, confirmando a existência de segregação entre ocupações superiores, intermediárias e manuais, e ainda entre essas e o emprego doméstico. A entrada e saída para desocupação e inatividade é mais bem modelada quando se considera cada uma dessas classes ocupacionais individualmente, apontando para uma diferenciação também na decisão de ofertar o emprego e na facilidade de obtê-lo quando é decidido realizar essa oferta. Além disso, as transições do emprego doméstico para o emprego manual não apresentam o mesmo comportamento do que do doméstico para o mediano, idem para o superior.

É importante destacar que o modelo escolhido apresenta melhor ajuste, segundo o critério BIC, ainda em relação ao modelo saturado na origem e destino. A Tabela 3 apresenta o resultado dos modelos saturados, ou seja, considerando separadamente cada destino e origem. O modelo mais completo, incluindo todas as variáveis, apresenta ajuste pior do que o modelo topológico escolhido, já que há uma penalização pela perda dos graus de liberdade (o modelo escolhido apresenta 13 categorias de diferenciação enquanto o saturado apresenta 36). Sempre que adicionamos um termo há uma melhora no poder explicativo e, assim, o que se deve buscar é um modelo que seja ao mesmo tempo parcimonioso e que proporcione uma grande explicação das frequências observadas.

Tabela 3 – Ajuste de modelos saturados na origem e destino

	ΔG^2	R ²	AIC	BIC
Nulo			4.36525	127102.8
OxD	39340.43	27.60%	3.82042	-702673
OxD + P + I + C	39496.13	38.29%	3.81900	-702515
OxD + I + P + C + RM + CF + Cor + Educ	62218.9	60.40%	3.50417	-725081

Fonte: Elaboração própria, com base em dados da PME, IBGE, 2002-2015.

A análise dos coeficientes do modelo topológico escolhido pode trazer informações sobre a mobilidade ocupacional das mulheres. Esses são significativos, com exceção do coeficiente de mobilidade entre ocupação doméstica e desocupação/inatividade (Tabela 4).

Os coeficientes da imobilidade das ocupadas em ocupações manuais, intermediárias e domésticas e entre desocupadas são menores que a unidade, podendo-se falar em “déficits” na frequência dessas imobilidades em comparação à referência, que é a diagonal 2 (mobilidade com uma casela de distância). Dentre esses, a maior diferença na frequência é da desocupação, o que se justifica já que a desocupação é uma situação transitória, quando há ativamente a tentativa de se enquadrar em alguma ocupação.

Segunda menor frequência relativa na imobilidade é encontrada nas ocupações domésticas, seguido das intermediárias e das superiores. Assim, essa diferença de 41% em relação à mobilidade para uma posição vizinha encontrado no emprego doméstico representa que, entre as categorias ocupacionais criadas, essa é

a com maior mobilidade. Entretanto, a análise descritiva dos dados mostrou padrão forte de imobilidade (em dois anos essa ocupação foi a com maior imobilidade, em dois anos foi a segunda categoria e nunca ocupou a posição de menor imobilidade). Saito e Souza (2008) também descrevem uma armadilha da ocupação, sugerindo grande imobilidade nessa ocupação. Esses resultados aparentemente contraditórios podem ser justificados pela influência das demais variáveis já que, ao adicionar as características das mulheres ao modelo, esse filtro topológico acrescentado capta apenas as características da ocupação, controladas pelas demais.

Tabela 4 – Coeficientes estimados para o modelo escolhido

	Coeficientes	Std. Err.	P>z
1 Diagonal 2	-	-	-
2 Diagonal 3	-0,153	0,022	0,000
3 Diagonal 4	-0,150	0,088	0,086
7 Ocupada sup. - Inatividade / Desemprego	-0,219	0,025	0,000
6 Ocupada med. - Inatividade / Desemprego	-0,130	0,018	0,000
5 Ocupada man. - Inatividade / Desemprego	0,062	0,019	0,001
4 Doméstica - Inatividade / Desemprego	-0,042	0,030	0,166
8 Imobilidade superior	1,025	0,033	0,000
9 Imobilidade intermediária	0,798	0,027	0,000
10 Imobilidade manual	0,820	0,028	0,000
11 Imobilidade doméstica	0,589	0,052	0,000
12 Imobilidade desemprego	0,074	0,032	0,022
13 Imobilidade inativa	1,195	0,021	0,000

Fonte: Elaboração própria, com base em dados da PME, IBGE, 2002-2015.

Assim, há um viés de mobilidade no emprego doméstico, seja para outras ocupações, seja para inatividade ou desemprego que é contrabalanceado pelo perfil das trabalhadoras dessa ocupação. Essa grande mobilidade encontrada intrínseca ao serviço doméstico remunerado vai de encontro à desproteção dessa profissional, promovida pela desvalorização e desregulação, que desincentiva a continuação nessa ocupação. Ou seja, além de não atrair mulheres trabalhando em outras ocupações ou fora do mercado de trabalho, essa ocupação também funciona como uma “alavanca” para outras profissões, já que quando têm outra oportunidade as mulheres preferem deixar de ser doméstica.

Ocupadas superiores e inativas apresentam “superávit” na frequência de imobilidade, em relação à categoria referência, indicando menor frequência de movimentos descendentes e maior fixação da escolha em não participar da População Economicamente Ativa. Assim, pode-se identificar um padrão onde quanto maior a posição na hierarquia ocupacional, mais frequente é a imobilidade.

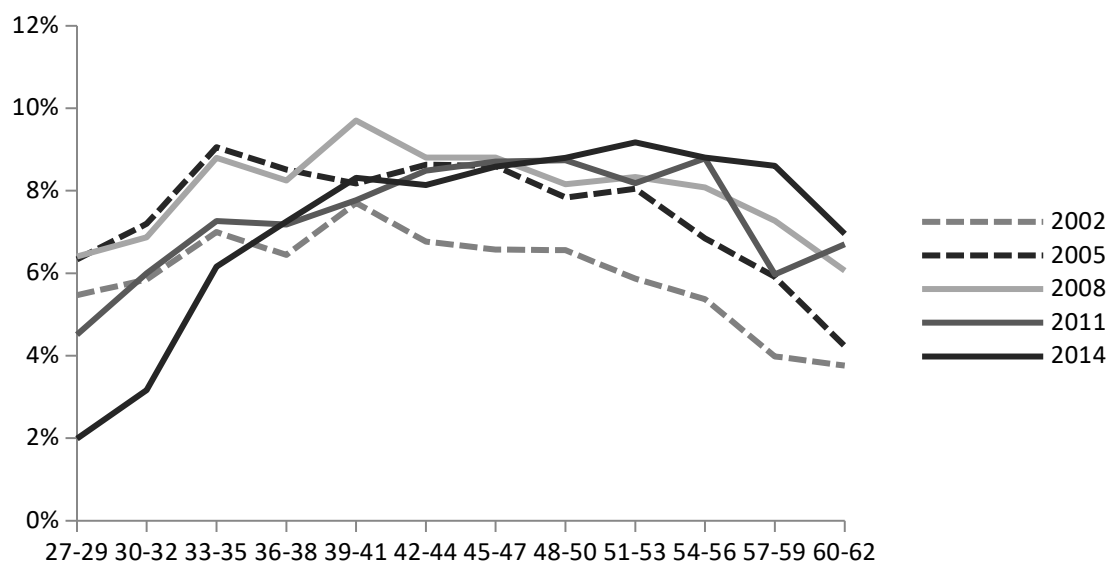
Em relação às diagonais, como esperado, são menores as frequências encontradas nas diagonais 3 e 4, em relação à categoria referência. Entretanto essa diferença é similar nos dois casos, não apresentando distinção quando se move duas caselas ou três, ou seja, quando se realiza uma transição saltando uma categoria ou duas. Por fim, analisando as transições originárias e destinando-se à desocupação e inatividade, a maior diferença negativa de frequência é encontrada nas transições das ocupações superiores indicando que a ocorrência de indivíduos que saem da desocupação/inatividade para ocupações superiores ou que fazem o caminho inverso é menor do que a categoria referência e menor ainda do que essa transição envolvendo as demais ocupações. Esse valor é, inclusive, o menor encontrado para os coeficientes do modelo topológico. A segunda maior diferença de frequência foi das ocupações intermediárias, seguidas das manuais. Mais uma vez se encontra uma hierarquia relacionando as transições e os tipos de ocupações.

O coeficiente que representa a transição das domésticas de/para desocupação e inatividade não foi significativo à 90%. A característica de transitoriedade do serviço doméstico, servindo de porta de entrada no mercado de trabalho para muitas mulheres é uma justificativa para esse resultado.

4.4 Probabilidades previstas

Por fim, são analisadas as probabilidades previstas de origem e destino condicionais, segundo algumas características selecionadas. Essas probabilidades são obtidas mantendo as demais características fixas nas médias. De acordo com a probabilidade de estar ocupada como doméstica por faixa etária, a partir de 2008, há uma redução na probabilidade de inserção nessa ocupação dos três grupos mais jovens incluídos no modelo, ao mesmo tempo em que se eleva a probabilidade de inserção das mais idosas nessa ocupação. Ou seja, o envelhecimento dessa ocupação, encontrado ocorre também porque as mulheres mais jovens não estão realizando transições para essa ocupação. A maior colocação das mais velhas nessa profissão vai de encontro ao maior período de atividade profissional durante o ciclo de vida das mulheres, já que as mulheres demoram cada vez mais para realizar a transição para a inatividade.

Gráfico 5 - Probabilidade de estar ocupada como empregada doméstica por grupos etários, ao longo do tempo, controlando para as demais características individuais, Brasil Metropolitano, 2002-2014



Fonte: Elaboração própria, com base em dados da PME, IBGE, 2002-2015.

Tabela 5 - Probabilidade de pertencer à categoria ocupacional nos extremos da distribuição etária

	2002	2005	2008	2011	2014
27 a 29 anos					
Superior	11.0%	12.0%	12.6%	13.1%	13.9%
Intermediária	23.7%	25.4%	25.5%	26.6%	27.7%
Manual	12.1%	11.0%	12.1%	13.3%	12.0%
Doméstica	5.5%	6.3%	6.4%	4.5%	2.0%
Desocupada	7.5%	7.9%	6.6%	5.8%	4.0%
Inativa	40.2%	37.3%	36.8%	36.7%	40.4%
57 a 62 anos					
Superior	9.7%	12.2%	10.3%	11.4%	11.9%
Intermediária	21.8%	22.0%	22.7%	22.9%	23.4%
Manual	9.4%	10.4%	10.5%	11.2%	11.1%
Doméstica	3.9%	5.2%	6.7%	6.3%	7.8%
Desocupada	1.1%	1.3%	1.1%	0.6%	0.8%
Inativa	54.0%	48.9%	48.7%	47.5%	45.0%

Fonte: Elaboração própria, com base em dados da PME, IBGE, 2002-2015.

Apresenta-se as probabilidades de pertencer também às demais categorias ocupacionais, considerando apenas a primeira observação de cada mulher, dos grupos etários extremos (Tabela 5). Entre as mais velhas, a probabilidade de ser doméstica foi crescente ao longo do período analisado, quase dobrando de 2002 (3,9%) a 2014 (7,8%). A probabilidade de estar empregada nas demais ocupações também apresentou uma tendência de crescimento, porém não tão expressiva quanto a das domésticas. A grande mudança que contrabalanceou a maior ocupação de mulheres idosas ao longo do tempo foi a menor saída para a inatividade, já que em 2002, considerando todas as demais características, a probabilidade predita de estar inativa se a mulher tinha mais de 54 anos de idade era 54% e em 2014 esse valor era 45%. Ou seja, a hipótese levantada ao se analisar o gráfico anterior se confirma, de que as a maior participação das mulheres mais velhas nessa ocupação se dá pela saída mais tardia para a aposentadoria. Esse fenômeno, entretanto, é mais contundente nessa ocupação do que nos demais grupos ocupacionais construídos.

Em relação às mais jovens, as únicas tendências consistentes ao longo do período analisado foram uma probabilidade crescente de estar ocupadas nas categorias superiores e intermediárias. Em comparação com o grupo de mais velhas, a probabilidade de ser doméstica é sempre menor para as mais jovens, mesmo se analisando apenas a parte não inativa da amostra. Apesar de ter crescido do primeiro período analisado para o segundo, houve uma redução ao longo dos anos da probabilidade de as mulheres de até 26 anos estarem ocupadas como domésticas.

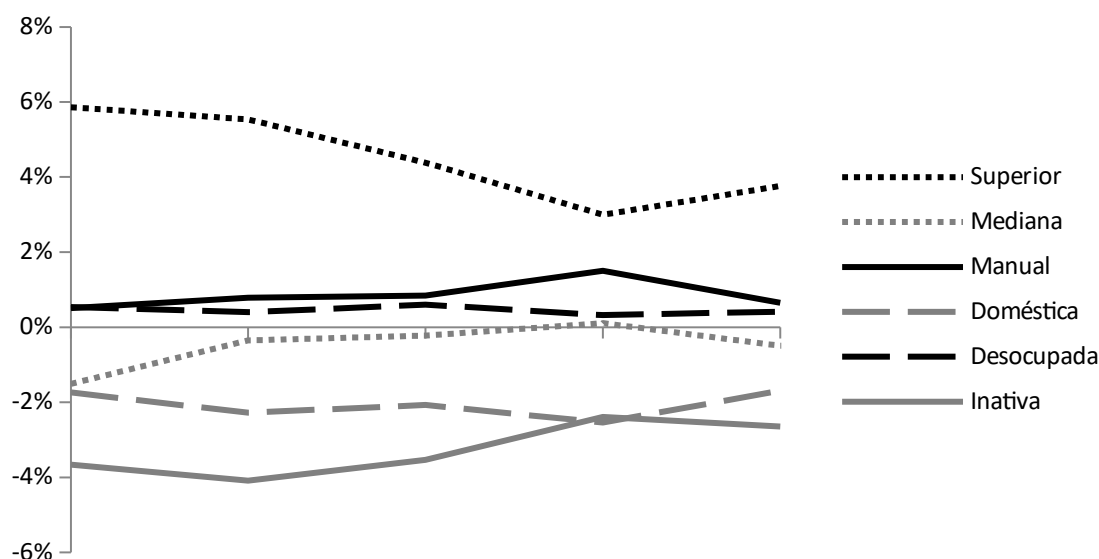
Tabela 6 - Matriz de destino das empregadas domésticas, segundo cor/raça

	Superior	Mediana	Manual	Doméstica	Desocupada	Inativa
Branças	0,79%	9,67%	3,46%	70,71%	2,50%	12,87%
Negras	0,28%	7,52%	2,65%	75,73%	2,62%	11,19%

Fonte: Elaboração própria, com base em dados da PME, IBGE, 2002-2015.

De acordo com a probabilidade de destino das mulheres que eram domésticas na primeira ocupação, mulheres brancas têm maior probabilidade de realizar a transição para todas as demais categorias de ocupações, e ainda para a inatividade, enquanto as negras têm 5% a mais de probabilidade de permanecer na ocupação de doméstica e maior probabilidade também de ficarem desempregadas (Tabela 6). Deve-se ressaltar que essa probabilidade já é condicional na origem e as mulheres negras, além de terem maior probabilidade de serem domésticas também têm maior chance de continuar nessa ocupação. Ou seja, grande há grandes diferenças no padrão de inserção ocupacional das mulheres de acordo com sua cor/raça, sendo que as brancas têm maiores probabilidades de inserção em ocupações de maior status.

Gráfico 5 - Evolução temporal das diferenças entre brancas e negras nas probabilidades preditas de inserção em cada categorial ocupacional



Fonte: Elaboração própria, com base em dados da PME, IBGE, 2002-2015.

Ainda sobre essas questões de cor/raça, foi calculado como as diferenças nas probabilidades de estar em determinada situação ou categoria ocupacional entre negras e brancas mudou ao longo do tempo (Gráfico 5). Em tons de preto estão as categorias onde as mulheres brancas têm maior probabilidade de estar em relação às negras e em tons de cinza estão as categorias onde as negras têm mais chances de ocupar. É importante lembrar mais uma vez que esses resultados preditos já estão controlados para as demais características, ou seja, a chance de as mulheres brancas ocuparem ocupações superiores é maior que a das negras mesmo já considerando as demais diferenças como escolaridade e posição na família.

A maior diferença entre os grupos está nas ocupações superiores, chegando a até 6 pontos percentuais a favor das mulheres brancas. Essa diferença, entretanto, foi se reduzindo ao longo do tempo. A segunda maior diferença, agora com as negras apresentando maior probabilidade é na inatividade, ou seja, enquanto as brancas têm mais probabilidade de estarem em uma ocupação superior e gerencial, as negras têm mais probabilidade de estarem inativas. Além da ocupação superior, as mulheres brancas apresentam maior probabilidade de estarem em ocupações manuais, e ainda desempregadas. As negras, além da inatividade, possuem maior probabilidade de estarem em ocupações intermediárias e no serviço doméstico.

Pode-se observar que as diferenças, no geral diminuíram ao longo dos anos analisados, seja nos grupos que “favorecem” as negras e nos grupos de “desfavorecem” as negras. Esse resultado é muito importante, pois aponta para uma equalização das diferenças raciais e superação de conflitos que são remanescentes do nosso passado escravocrata. Em relação ao emprego doméstico, entretanto, essa diferença está se mantendo em patamares constantes e nessa ocupação a superação desses estigmas e marcas ainda não está ocorrendo. Seja pela invisibilidade dessas trabalhadoras, seja pelo não reconhecimento desse serviço como trabalho, ou mesmo pelo peso adicional que possui esse trabalho essencialmente feminino e com heranças da servidão.

5 Conclusão

Esse trabalho teve como objetivo principal investigar a existência de padrões específicos de inserção e mobilidade no trabalho doméstico, distintos de outros tipos de trabalho, principalmente outras ocupações manuais. Além de identificar se mercado de trabalho está ficando menor, pode-se dizer que a ocupação está “ficando velha” segundo a distribuição etária das domésticas, assim como encontrado por Pinheiro et al. (2016). Duas mudanças no padrão de inserção nessa ocupação justificam e reforçam esse envelhecimento: as mulheres jovens estão entrando menos nessa ocupação e as mulheres mais velhas estão demorando cada vez mais para realizar a transição para a inatividade. Esse movimento entretanto, é mais intenso para mulheres brancas do que negras e pardas apontando para uma manutenção do viés racial que a ocupação possui no Brasil.

A transição entre as coortes de nascimento com novas ideias e valores e vivenciando outras realidades se mostrou importante para explicar os movimentos de transição ocupacionais. Além de efeitos puros de coorte, as mudanças geracionais se transpõem também para outras dimensões, principalmente condição na família e cor/raça. Se encontra um efeito substancial em ser cônjuge, filha ou chefe de família na decisão de entrar no mercado de trabalho e na ocupação a ser exercida, e se observa que esse foi diferente ao longo das coortes de nascimento. Ou seja, ao longo de novas coortes de nascimento a influência da posição na família na escolha ocupacional foi sendo alterada. É importante ressaltar que as domésticas constituem o grupo, dentre os criados, com maior parcela de mulheres chefes de domicílio, reforçando a importância de se manterem ocupadas, mesmo enfrentando situações de desproteção e discriminação, e para o sustento de suas famílias.

Da mesma forma, os resultados dos modelos mostram que a influência de ser negra, já controlada todas as demais características da mulher, na inserção e mobilidade entre as categorias de atividade é grande e distinta ao longo das gerações. Pode-se ir além e dizer mais do que esse efeito está mudando, que ele está diminuindo já que a diferença entre as probabilidades preditas (encontradas utilizando o melhor modelo

para determinar as influências líquidas) de ocupação em cada categoria se reduziram ao longo do período estudado.

A maior diferença nas probabilidades de inserção encontrada foi a de trabalhar em ocupações superiores, com probabilidades favoráveis às mulheres brancas. Favoráveis às mulheres negras, a segunda maior diferença, seguida da inatividade, está na probabilidade de estar ocupada como doméstica. Ou seja, inclusive depois de já se considerar as diferenças de oportunidades educacionais entre brancas e negras, essas últimas têm mais chances de estarem inativas ou trabalharem como domésticas, enquanto as primeiras têm maior probabilidade de trabalhar em ocupações superiores. As diferenças nas probabilidades, entretanto, foram menores a cada ano analisado e existem indícios de que a sociedade está evoluindo no sentido do combate à discriminação e segregação racial ocupacional. A maior probabilidade de as negras estarem no emprego doméstico, entretanto, se manteve em patamares constantes e nessa ocupação a superação desses estigmas e marcas nas quais se baseiam a discriminação ainda não está ocorrendo. Esse resultado vai de encontro ao menor envelhecimento da categoria de empregadas domésticas negras, indicando que para esse grupo a ocupação está “diminuindo” mais lentamente. Assim, até mesmo as melhorias sociais de redução da segregação ocupacional são menores para esse grupo de profissionais, adicionando à invisibilidade dessas trabalhadoras o peso adicional que possui esse trabalho essencialmente feminino e com heranças da servidão.

Por fim, altas taxas de mobilidade dessa ocupação para as demais não são encontradas quando se analisa descritivamente os dados, mas são vistas nos coeficientes de frequência de imobilidade do modelo topológico. Isso ocorre porque a análise descritiva realizada é unidimensional e não isola o efeito das demais características dos indivíduos nessa ocupação. Assim, há um viés de mobilidade no emprego doméstico, seja para outras ocupações, seja para inatividade ou desemprego que é contrabalanceado pelo perfil das trabalhadoras dessa ocupação. Essa grande mobilidade encontrada intrínseca ao serviço doméstico remunerado vai de encontro à desvalorização dessa profissional, promovida pela desproteção e desregulação, que desincentiva a continuação nessa ocupação. Ou seja, além de não atrair mulheres trabalhando em outras ocupações ou fora do mercado de trabalho, essa ocupação também funciona como uma “alavanca” para outras profissões, já que quando têm outra oportunidade as mulheres preferem deixar de ser doméstica. É importante que se avance na investigação de quais são essas características pessoais presentes nas trabalhadoras domésticas que criam uma persistência nessa ocupação e essa é uma sugestão para trabalhos futuros.

Referências Bibliográficas

AUTOR, D. H.; DORN, D. *This Job Is Getting Old: measuring changes in job opportunities using occupational age structure*. IZA discussion paper n°. 3970, 2009.

BYELOVA, K. *Social and Legal Empowerment of Domestic Workers in Brazil*. Tese (Mestrado). Norwegian University of Life Sciences, 2014.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS ECONÔMICOS. DIEESE. *O emprego doméstico no Brasil*. Estudos e pesquisa, n° 68, 2013.

DEX, S.; BUKODI, E. Gender Differences in Job and Occupational Mobility in Varying Labour Market Conditions. *Barnett Working Paper*. n. 13-03, 2013.

DUFFY, M. Doing the dirty work: gender, race, and reproductive labor in historical perspective. *Gender & Society*. Vol 21, n. 3, pg 313-336, 2007.

FEATHERMAN, D. L.; HAUSER R. M. Prestige or socioeconomic scales in the study of occupational achievement? 1976. In: GRUSKY, David. B. (Org.) *Social stratification – class, race, and gender in sociological perspective*. Colorado: Westview Press, 3° edição, 2008.

FIENBERG, S. E., MASON, W. M. Specification and implementation of age, period and cohort models. In: MASON, W. M., FINBERG, S. E., (Eds.) *Cohort Analysis in Social Research*. New York: Springer Verlag, p.45-88, 1985

- HAUSER, R. M.; WARREN, J. R. Socioeconomic Indexes for occupations: a review, update, and critique. (1997) In: GRUSKY, David. B. (Org.) *Social Stratification – class, race, and gender in sociological perspective*. Colorado: Westview Press, 2003.
- HERMETO, A. M. *Acumulando Informações e Estudando Mudanças ao Longo do Tempo: Análises Longitudinais do Mercado de Trabalho Brasileiro*. 2002. 151 f. Tese (Doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. *Mapa do Mercado de Trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro, 1994.
- KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: TEIXEIRA, M.; EMÍLIO, M.; NOBRE, M. (Orgs.). *Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher. São Paulo, 2003.
- LEONE, E. T; BALTAR, P. *População ativa, mercado de trabalho e gênero na retomada do crescimento econômico (2004-2008)*. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 17, 2010, Caxambu. *Anais...* Belo Horizonte: ABEP, 2010.
- MANESCHY, M. C. O emprego doméstico e as Relações de Gênero no Mundo do Trabalho. *Gênero na Amazônia*. Belém. n.3, p. 207-218, 2013.
- MARQUES, L. A.; COSTA, P. L. da. Questões para pensar o trabalho doméstico no Brasil. In: SILVA, Tatiana Dias; GOES, Fernanda Lira (Org.). *Igualdade Racial do Brasil: reflexões no ano internacional dos afrodescendentes*. ed.1, Brasília: IPEA, 2013.
- OLIVEIRA, S. M.; COSTA, P. L. Condicionantes para a profissionalização do trabalho doméstico no Brasil: um olhar sobre a profissão em duas regiões metropolitanas - São Paulo e Salvador - na última década. In: Encontro Anual da ANPOCS, 36, Águas de Lindóia, São Paulo. *Textos...*, 2012.
- PHANG, H. S. Labor Market Transitions of Young Women over the Early Life Course: A Multistate Life Table Analysis. *Institute for Research on Poverty, Discussion Paper no. 1062-95*, 1995.
- PINHEIRO, L. S., et al. *Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014*. IPEA Nota técnica, 24. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2016.
- POWERS, D.; XIE, Y. *Statistical methods for categorical data analysis*. Emerald. 2ª ed, 2008.
- REIS, M. C.; GONZAGA, G. Desemprego e Qualificação: uma análise dos efeitos de idade, período e coorte. *Pesquisa e Planejamento Econômico*. Rio de Janeiro, v.36, p.367-412, 2006.
- RIBAS, R. P.; SOARES, S. S. D. Sobre o painel da pesquisa mensal de emprego (PME) do IBGE. *Texto para discussão 1348*, IPEA, Brasília, 2008.
- RYDER, N. B. The cohort as a concept in the study of social change. *American Sociological Review*, v. 30, p. 843-861, 1965.
- SAITO, K.; SOUZA, A. P. A mobilidade ocupacional das trabalhadoras domésticas no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, XXXVI, 2008, Salvador. *Anais...* Salvador: ANPEC, 2008.
- SOUZA, K. B. de; DOMINGUES, E. P. Mudanças no mercado de serviços domésticos: uma análise da evolução dos salários no período 2006-2011. *Econ. Apl.*, Ribeirão Preto, v.18, n.2, p.319-346, jun, 2014.
- TREIMAN, Donald J. Occupational prestige in comparative perspective. 1976. In: GRUSKY, David. B. (Org.) *Social stratification – class, race, and gender in sociological perspective*. Colorado: Westview Press, ed. 3, 2008.
- YANG, Y.; FU, W. J.; LAND, K. C. A Methodological Comparison of Age-Period-Cohort Models: Intrinsic Estimator and Conventional Generalized Linear Models. *Sociological Methodology*, n.34, p.75–110, 2004.